

A
dupla
vida
de Moema
Vilela
Dadá

EDITORA PENALUX

Guaratingetá, 2018

Crônica
Era uma vez / o mundo.
Oswald de Andrade

I have to guard against the tendency—
I could make anything into a story.
Lydia Davis

SUMÁRIO

I

SOPA SORVETE	11
UNÇÃO DA POESIA	15
FLEXÍVEL	15
RELÓGIO	16
RODRIGUEANA	16
DISCO RÍGIDO	17
UMA VIDA COMPLETA	17
TOP SECRET	18
AJUDA	18
POMBA ENGAJADA	19
COERENTE	19
LÓGICA	20
SELFIE DE SUCESSO	20
RUBI	21
O ADMIRADOR	21
DEBUTANTE	22
EU SÓ PEÇO UMA COISA	22
PEGADO	23
CARTA FORA DO BARALHO	23
NÃO FAZ NADA CERTO	24
PROFECIA AUTORREALIZADA	24
FÓRMULAS DE GENTILEZA	25
SELETIVA	25
SALMOURA	26
O ADOLESCENTE E A PACHAMAMA	26
DIVISÃO DE BENS	27
FUMOU-MAS-NÃO-TRAGOU	27
MEU REINO POR UM BREJO	28
QUASE LÁ	28
BAGAGEM	29
O RIO, NA NOITE	29
MEMÓRIA	30
CALOTE	30
MUSA	31
CONFESSIONÁRIO, AOS SETE	31

II

JANELA	35
CONFIANÇA	35
FORTUNA	36
FLORESTA DE SER	36
TIPOS DE CHUVA	37
VOLTAR	37
O HOMEM QUE NÃO TIROU A FOTO DO ROSTO DA MULHER QUE AMOU	38
Nós	39
O MITO DO JOVEM RAPAZ DOTADO DE UM CELULAR COM CÂMERA	40
O OUTRO PAI	41
UM BARCO CHAMADO JONAS	42
PRÍNCIPES	43
COMEÇAR	44
A DUPLA VIDA DE DADÁ	45
A TELA	48
DOIS TRENS	50
ANTIGAMENTE	51
CARTA A UMA FILHA	52
LUXÚRIA	53
FÔRMA DE GELO EM FORMATO DE BALEIA	53
A MAIOR PARTE	54
PARAQUEDAS	54
Vês	55

III

VOZ, PERDER, PERDÃO	59
ANUNCIAÇÃO	65
“VENTO NO VARAL”	68





UNÇÃO DA POESIA

Perdeu a garota e o amigo, mas não a fé: soprou nas costelas da gaita e fez um blues.

FLEXÍVEL

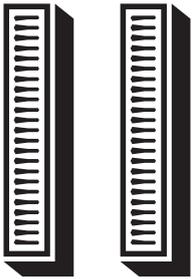
Com o papel da recusa, fez um aviãozinho. Como tinha se sentido diminuída, entrou nele e voou.

RELÓGIO

Por cinquenta anos, o marido foi seu despertador, até o dia em que nenhum dos dois acordou.

RODRIGUEANA

As almas eram gêmeas, portanto os corpos gostavam da mesma coisa: a esposa do irmão dela.



JANELA

Duas senhoras tomam mate na calçada, os pés pontilhados de amarelo. Ipês floridos de Van Gogh. O ciclista cruza a cena com o corpo erguido nos pedais, um cigarro aceso na mão. A moça namora na vitrine o manequim de fraque. O passageiro à janela do ônibus está longe – à distância de ser visto, à distância de seu atraso, vítima do romantismo do movimento.

CONFIANÇA

Por causa de seu charme e de sua aparência, e pela confiança de que um dia ele iria mudar, vivia na casa sem contribuir com nada, de pagar aluguel nem se fala, e era o único ali para quem faziam comida de manhã, tarde e noite – sem contar o péssimo humor que ele tinha, o bebê.

FORTUNA

Ele ganhou na loteria, todos o invejaram. Só que por causa da fortuna foi sequestrado e acabou no hospital com um pino na perna. Recebeu muitas visitas de condolências imaginárias – os vizinhos ardiam de compaixão, tomando chá nas sacadas. Um dia a perna o salvou de ser convocado para uma guerra da qual nenhum conterrâneo alistado voltou. Quando ganhou na loteria outra vez, os parentes disseram que o mundo é injusto, esbanja para uns e regula para outros, e ele riu, tão engraçada a falta de seriedade dos bilhetes premiados.

FLORESTA DE SER

Antes de ser mesa, ela tinha sido madeira, e antes de ser madeira, árvore frondosa, que numa manhã do passado coubera no bico do pássaro. Por isso, a criança, em vez de apoiar no móvel o caderno de desenhar, subiu num galho, e fingiu que ascendia, e fingiu que voava, até o pé se apoiar não no graveto, no ar. O grito quebrou o vazio em dois e se dissolveu em desmaio, enquanto o cupim indiferente comia o jantar e uma mãe no supermercado pensava, na prateleira dos inseticidas, se algum remédio há, para nos proteger dessas coisas que acontecem em casa.

O HOMEM QUE NÃO TIROU A FOTO DO ROSTO DA MULHER QUE AMOU

O homem que não tirou a foto do rosto da mulher que amou, mas sim da paisagem da janela do quarto em que se amaram, pode ser que amasse da boca para fora. Mas pode ser que ele precisasse ser indireto, que tanto adorasse aquele rosto que quis protegê-lo. O rosto que continha para trás uma menina correndo para a sorveteria, para frente uma senhora de noite na varanda, irmã das estrelas. Como ele ia guardar, em um riscar de fósforos, todas as mulheres dela, a suave, a enérgica, a sonhadora, a cínica, a loura, a antiga, com o cabelo molhado de banho? Teve vergonha de desejar capturar com uma máquina uma pessoa. Voltou-se às cortinas, ao abajur de porcelana chinesa. Ou pode ser apenas que ele amasse fotografias e não fizesse diferenças. Não podemos saber, uma vez que o homem que tirou a foto da paisagem do quarto resta tão desconhecido como a mulher que ele amou. O retrato sobre esse momento se fez oblíquo. Por que um homem tiraria fotos de um armário? Talvez a paisagem se deixe ver mais facilmente. Você sabe por que o homem não tirou a foto da mulher que amou, mas sim da paisagem da janela do quarto em que se amaram?

NÓS

Depois de um mês intenso apertando e esfregando outras pessoas, a massagista precisou ela mesma de uma massagem. Chegou na terapia com as articulações duras, o ombro destruído, até os pensamentos tensos. A massagista, que já tinha mandado imprimir em seu cartão de visita uma foto de corpo inteiro pisando no cliente, recurso desesperado para evitar a sugestão de erotismo em torno da ideia de massagem, ela, que já tinha passado por tantas situações desnecessárias, recebido ligações em casa, recados no guardanapo, assédios de pessoas interessadas por uma ideia pobre de massagem, ela, que era uma entusiasmada pesquisadora da história dessa arte, ela se sentiu atraída pelo massagista, e imaginou que ele também a correspondia, ficou molhada, ficou apreensiva, e soube o que significavam aquelas técnicas menos suaves que ele agora empregava para ajudá-la a sair daquele estado e voltar a ser a massagista integral que ela era no fundo, debaixo de tantas máscaras de pele, tantas camadas de nervos e músculos.

O MITO DO JOVEM RAPAZ DOTADO DE UM CELULAR COM CÂMERA

No reflexo do lago, mas também no verão, na sexta-feira, esperando no posto de saúde, de baixo para cima, de cima para baixo, junto com mais gente, inclusive com todo mundo junto: era muita selfie para uma pessoa só. Por isso, demorou tanto enquadrando a pizza de calabresa, que acabou tendo que encarar fria a mussarela indigesta, e, mais triste ainda, morreu de fome de compartilhar a experiência no tempo certo, nos horários de pico da atenção dos amigos, seguindo o algoritmo que ele tinha investigado com oráculos do marketing pessoal. No lugar de seu corpo desgostoso, com o sorriso decorrente da rigidez cadavérica, nasceu uma rosa vermelha de WhatsApp, enviada por sua mãe para qualquer coisa que ele postava.

O OUTRO PAI

A mãe acha graça de o filho pegar o cachecol do pai, mas depois ele alcança o chapéu. O medo da mãe se enrola no pescoço do filho, ela diz: o pai gosta muito do chapéu. O menino toca o feltro marrom com as duas mãos como se fosse devolver, mas baixa as mãos vazias e ri. Só do pai o chapéu, nada de brincar com o chapéu, a mãe ameaça seguindo o filho escritório adentro. O menino abre a gaveta sabendo o que vai encontrar. Até os cabelos da mãe ficam frios. Do bolso, ele saca o isqueiro que mora no paletó do pai e alimenta o charuto. Dá uma tragada funda e não tosse. Por favor, a mulher pede, não vai brigar com o menino por mexer nas suas coisas. Ao que ele responde, de cachecol, altivez e chapéu, baforando no ar o enjoado doce da última fumaça: não se preocupe, ele está só brincando, vou conversar com ele. E entra no quarto do menino sem bater.

UM BARCO CHAMADO JONAS

Ele montou sozinho o barco ideal, peça por peça. No tempo perfeito: ia fazer coincidir o batismo com o pedido de casamento. Já com o casco pintado de branco, champanhe gelada, estava pronto para escrever no letreiro o nome da amada, mas o guri, com pena e coragem maior que a timidez, com essa coisa de guri que nem é coragem, mas a rejeição imediata de uma coisa que é errada, vem correndo dizer que ontem mesmo ela estava no bar da rodovia com outro. O homem contempla a ressaca e pensa: seria Netuno, o rei dos mares, instável e poderoso? Cavaleiro das Ondas? Senhor das Ninfas? Ele pensa, rindo de nervoso, no Titanic. Pergunta: como é seu nome, garoto? Em silêncio, acompanhado da champanhe sem estouro e do garoto, ele procura um nome para o barco que seja mais verdadeiro que Vitória.

PRÍNCIPES

Protegido no conforto do palácio por ordem do rei, o príncipe não conhecia a morte, a doença e a velhice. Em um mergulho nas ruas, fugido dos guardas, ele se chocou com a realidade feroz: uma mãe podia até confabular o assassinato do pai e depois se casar com o irmão do morto. Excessivo e hesitante, o príncipe esparramava seu luto pelo defeito do mundo em qualquer ouvido disponível. Falava com rosas e raposas, desabafava com a lua e com os sapos. Donzelas esperavam os seus beijos sentadas, deitadas, florestas cresciam ao redor dos leitos. O príncipe só tinha monólogos dramáticos para dividir. Ele leu mal a história de que o inferno são os outros, deixou crescer o cabelo e começou a ouvir metal. Com tédio acompanhou a evolução do rock'n'roll até 1991, quando Kurt Cobain lançou o álbum com o bebê nadando em direção à nota de um dólar. Como toda profecia se cumpre e o resto da história é só a distração necessária para dilatar a atenção da plebe, o príncipe acha a saída para o sofrimento e atinge o Nirvana, mas, eternamente responsável por aqueles que cativa, volta para os reinos da matéria para propagar a boa nova.

 www.moemavilela.com
 moemavilela@gmail.com
 twitter.com/moemavilela